



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 22

## **Vejo o futuro repetir o passado**

**Branca Vianna:** Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

No episódio dessa semana, a gente tem duas histórias sobre o futuro. E o jeito desconcertante que o futuro tem de parecer muito com o passado.

No primeiro ato, a gente tem pessoas que estão interrogando os porta-vozes do futuro pra ver se eles não tão levando a gente de volta para um passado sombrio.

Quem vai contar essa história pra gente é a Gisele Lobato. Vamos abrir os trabalhos aqui com um vinho.

---

### **ATO1**

**Gisele Lobato:** A minha família por parte de pai planta e vende uva pra produção de vinho. E já faz uns bons anos que eu ouço os meus tios reclamarem que eles não conseguem gente pra trabalhar na colheita.

**Manuel:** Olha, na vindima, cada vez temos mais dificuldade em arranjar pessoal, porque os jovens a estudar, outros saem do país. Os velhos cada vez são menos, porque vão morrendo cada vez são menos.

**Gisele Lobato:** O meu tio Manuel cultivava uva no norte de Portugal. Ele vive numa cidade chamada Melgaço, que tem uns 8 mil habitantes. Se você olhar o mapa de Portugal, o pontinho mais ao norte, bem na fronteira com a Espanha, é lá que fica Melgaço.

A cidade é conhecida por um tipo de vinho verde chamado Alvarinho. E a produção é toda familiar. Ninguém é dono de grandes terras. Não existe um latifúndio em Melgaço. A colheita da uva lá não é mecanizada. Isso nem valeria muito a pena. Os terrenos são pequenos, com vários desníveis sem contar que precisa de algum cuidado pra selecionar as uvas pra produção do vinho. Quer dizer: é bom ter gente fazendo isso e não uma máquina. Então cada família cuida da sua vinha e, quando chega a hora de colher, as pessoas precisam se organizar pra dar conta do trabalho. E rápido.

**Manuel:** E a gente tem duas ou três semanas para fazer a vindima toda.

**Gisele Lobato:** Faz tempo que eu não vou numa vindima – que é como se chama esse tempo de colher a uva – mas a memória que eu tenho é assim: a gente juntava a família toda e ia cada dia na casa de um tio. Era tipo um mutirão: hoje eu vou colher a tua uva, amanhã você vem ajudar a colher a minha.

Quando eu ia pra lá nessa época, não dava muito pra fugir desse trabalho. Não é sempre que tem um par de braços sobrando pra ajudar os meus tios. Na época dos meus avós, era mais fácil, porque as pessoas faziam filhos. Muitos filhos. Só a minha avó teve sete.

Mas hoje os meus tios têm um filho, dois, então, sem gente da família pra ajudar, eles acabam tendo que contratar algumas pessoas de fora pro trabalho. No ano

passado, o meu tio Manuel contratou 7 pessoas. Cada uma ganhou 50 euros por uma diária de 8 horas de trabalho. Pode não parecer muito, mas pros padrões de Portugal era um valor ok no ano passado. Já vi vaga de jornalismo pagando menos que isso por lá.

Quando eu vi a denúncia de trabalho escravo nas vinícolas gaúchas, eu logo pensei em Melgaço. Por mais que eu lembre com carinho da colheita da uva com a minha família, é um trabalho duro e não paga muito. Ou, nesse caso aqui do Brasil, paga nada.

Talvez você não tenha acompanhado o caso das vinícolas de perto, então eu vou fazer um resumo bem rápido. Uma empresa contratava pessoas pra trabalhar na colheita da uva no Rio Grande do Sul. Eles recrutavam mão de obra em outros estados e levavam as pessoas pra lá. Só que, chegando no destino, as condições de trabalho eram muito degradantes.

As jornadas passavam de 17 horas por dia. O salário atrasava – e às vezes não vinha nunca. E não parava por aí. Serviam comida estragada pra eles. E os trabalhadores que se indispusessem com essas condições eram "disciplinados" – com choques e spray de pimenta. E quem tentava ir embora era ameaçado a pagar uma multa por quebra de contrato. A história é tenebrosa.

Depois de uma denúncia, os órgãos que combatem trabalho escravo resgataram mais de 200 pessoas submetidas a essa situação em Bento Gonçalves. E não era só as empresas que contratavam o trabalho escravo que ganhavam com isso tudo, as próprias vinícolas que terceirizavam o trabalho e não fiscalizavam, né? E eu vou dizer o nome delas aqui pra você gravar: Aurora, Garibaldi e Salton. Quando essa história veio à tona, o Centro da Indústria e Comércio de Bento Gonçalves – que reúne vários empresários do ramo de vinhos – soltou uma nota tão ruim, mas tão ruim, que parecia mentira. Ok, o gênero literário "notas de esclarecimento" não é lá grande coisa. Mas essa nota é pior. Eles basicamente justificaram o trabalho escravo dizendo que falta mão de obra. E o texto ainda dizia que a escassez de trabalhadores interessados é culpa dos programas assistenciais – ou seja, do Bolsa Família e desse tipo de ajuda. Não que esse pensamento seja uma novidade, né?

Eu passei boa parte da minha carreira no jornalismo cobrindo direito trabalhista. E, se você acompanha as notícias, você sabe que tem trabalho escravo na pecuária, na confecção de roupa, nas fazendas de café – e até montando show em festival de música hypado. Mas eu não consegui não me chocar com a falta de sensibilidade desse caso.

O comunicado da Associação Empresarial de Bento Gonçalves partiu do pressuposto de que os pobres não gostam de trabalhar. E que elas deviam agradecer por qualquer tipo de trabalho, mesmo o pior que seja. O absurdo desse caso das vinícolas e o teor da nota que veio em seguida botou a história nos assuntos mais comentados do Twitter por alguns dias. Teve gente que xingou as vinícolas e a empresa que contratou a mão de obra, gente que criou campanha de boicote às marcas de vinho – que você lembra, né? Os nomes? Aurora, Garibaldi e Salton. Só falando. Mas teve um cara que decidiu fazer outra coisa.

**Rodrigo Menegat:** Oi. Eu sou o Rodrigo Menegat. Eu sou jornalista, mas eu trabalho com dados e programação.

**Gisele Lobato:** E o que o Rodrigo fez depois de ler a nota bizarra tem tudo a ver com o tipo de trabalho dele. Enquanto a maior parte dos jornalistas sai por aí fazendo perguntas pras pessoas sobre o assunto que ele tá cobrindo, o Rodrigo...

**Rodrigo Menegat:** Eu vou, antes de fazer isso, eu vou trabalhar com estatísticas, com números, com código para fazer matérias com base nisso.

**Gisele Lobato:** Antes de entrevistar gente, o Rodrigo entrevista bases de dados. Só que, pra falar com esses números todos, o português não é o melhor idioma. O Rodrigo até é fluente nesse "idioma" da programação.

**Rodrigo Menegat:** Programação é basicamente: você escreve texto, numa linguagem específica, e pede para o computador fazer algo para você.

**Gisele Lobato:** Mas agora, no fim de 2022, o Rodrigo ganhou um novo tradutor que agilizou bastante esse processo. Não só ele, na verdade. O mundo inteiro ganhou.

**Rodrigo Menegat:** O que eu tenho feito é escrever em português pro ChatGPT e pedir pra ele traduzir pra código para mim.

**Gisele Lobato:** Você já deve ter ouvido falar do ChatGPT. É uma inteligência artificial nova, que foi lançada no final do ano passado. O nome, "chat", é uma referência ao jeito como ela funciona. Chat é "conversa" em inglês. E o ChatGPT é basicamente um site com uma caixa de diálogo onde você pode botar uma pergunta, puxar um papo, pedir um favor e a inteligência artificial vai te responder com uma linguagem muito parecida com a dos humanos. Só que é um robô falando, né? É um robô que analisa a sua pergunta e gera uma resposta em tempo real. É meio impressionante. Você pede pra ele fazer um resumo de um texto, criar uma lista de ideias de fantasias pro Carnaval e ele faz. E com alguma competência. Claro, ainda é uma tecnologia nova, e às vezes ele dá umas viajadas. E o Rodrigo gosta de zoar o ChatGPT de vez em quando, pedindo pra ele fazer umas coisas bobas.

**Rodrigo Menegat:** "Escreva uma fanfic de Harry Potter". "Escreva como que o jornalismo de dados vai destruir o mundo". Eu peço pra gerar um monte de bobagem assim. E, no geral, ele faz textos que são engraçados. Eu faço coisas, tipo: "Ah, escreva uma música sobre política no estilo do Charlie Brown Junior". Então, eu estou fazendo só um monte de bobagem e gerando texto. E acaba que está sempre com uma janela aberta no meu navegador, acaba sendo o que eu uso pra matar tempo e procrastinar.

**Gisele Lobato:** E o Rodrigo estava num desses momentos de procrastinação, rolando o Twitter quem nunca, né? Quando ele viu todo mundo falando da nota bizarra dos empresários das vinícolas lá do Sul.

**Rodrigo Menegat:** E só me ocorreu assim: "Ah, vou pedir pro Chat GPT fazer alguma coisa, ver o que ele vai dizer". O que eu escrevi foi: "Escreva uma nota

de gerenciamento de crise para uma associação comercial que representa as empresas da cidade de Bento Gonçalves. A situação de crise é que três grandes vinícolas da cidade se envolveram em um escândalo de trabalho análogo à escravidão em contratos de terceirizados. A nota deve ser direcionada ao público em geral. Tente demonstrar que a classe empresarial da cidade não compactua com essas práticas". Eu só escrevi isso, não falei nada antes, não falei "Oi". Abri um chat novo e escrevi esse pedido.

**Gisele Lobato:** E o robô – como um bom robô – atendeu o pedido do Rodrigo.

**Rodrigo Menegat:** Ah, ele faz uma nota clássica, de gerenciamento de crise. Ele diz que a associação vai se posicionar sobre, e aí ele deixa claro que não compactua com nenhuma forma de exploração no ambiente de trabalho. Diz que condena as práticas denunciadas, espera que as autoridades garantam justiça e reparação. Ele diz que a maioria das cidades não comete esse tipo de coisa, que valoriza os empregados, e acaba reafirmando o compromisso com ética e responsabilidade social. É isso. Ele só fala que escravidão no trabalho é errado, que eles não compactuam com isso e esperam que as autoridades consigam punir os envolvidos adequadamente.

**Gisele Lobato:** Quer dizer: o ChatGPT basicamente disse – no jargão institucional que a gente tá cansado de ver por aí – que "as providências estão sendo tomadas", que a associação não compactua com nenhuma forma de exploração, que os culpados vão ser punidos. Aquele tipo de nota que você não sabe se é sincera. Mas pelo menos dá pra notar que alguém se esforçou pra limpar a barra. A nota que o robô escreveu não tem nada de surpreendente – além do fato de que um robô estava sendo mais razoável do que os empresários. Mas, até aí vamos combinar que aquela nota estava difícil de superar, né? Então o Rodrigo resolveu tentar outra coisa.

**Rodrigo Menegat:** Eu tentei fazer o ChatGPT falar o que a Associação Comercial acabou falando – que era aquela declaração de que de alguma

forma a assistência social gerava mão de obra escrava, meio que colocando a culpa da situação na política de assistência social.

**Gisele Lobato:** E o robô, como um bom robô, foi lá e falou: "Não. Isso eu não faço".

**Rodrigo Menegat:** Ele começa a resposta, textualmente: "Eu sinto muito, mas não posso escrever essa nota".

**Gisele Lobato:** O ChatGPT disse que fazer uma nota desse jeito – usando os mesmos argumentos da associação gaúcha – ia ser uma generalização injusta, que não levava em conta a realidade individual do trabalhador.

**Rodrigo Menegat:** É importante lembrar que a falta de mão de obra não é causada por políticas assistenciais, e sim por vários fatores, incluindo falta de qualificação, baixa remuneração, falta de incentivo para trabalhar em determinadas áreas e outros problemas estruturais."

**Gisele Lobato:** E ele falou pro Rodrigo evitar estereótipos e preconceitos.

**Rodrigo Menegat:** E termina enfatizando que as empresas têm que garantir condições de trabalho justas, independentemente de ter mão de obra disponível ou qualquer outro fator externo.

**Gisele Lobato:** Quer dizer: nessa tarefa de escrever uma nota de gerenciamento de crise minimamente razoável e humana, foi o robô quem se saiu melhor. Ele conseguiu ser mais humano do que um ser humano de verdade. Né? Será?

**Lucas Lattari:** Oi, Gisele?

**Gisele Lobato:** Depois que eu conversei com o Rodrigo, eu decidi ligar pra outra pessoa. Porque o Rodrigo me falou uma coisa que me deixou encucada.

**Rodrigo Menegat:** Eu acho que ele não tem nada de humano, ele é só uma máquina bem, bem burrinha para esse tipo de coisa. Só que ele reflete a prática de linguagem corporativa, de linguagem institucional, que também não é muito humana. E o que aconteceu foi que as pessoas que escreveram aquela nota simplesmente não seguiram essas normas básicas de comunicação de crise.

**Gisele Lobato:** Eu fiquei com isso na cabeça: da inteligência artificial ser "bem burrinha". Porque tá todo mundo falando que o ChatGPT chegou pra revolucionar o mundo, acabar com um monte de emprego, enfim. As expectativas são altas. O mundo da tecnologia tá todo de olho nisso. E aí o Rodrigo fala que o negócio é meio burrinho. É uma afirmação forte. Então eu precisava de outra opinião. E aí eu liguei pro Lucas.

**Lucas Lattari:** Sim, estou te ouvindo bem. Não sei o que aconteceu aqui, desculpa. O computador resolveu avacalhar aqui.

**Gisele Lobato:** O Lucas Lattari é doutor em ciências da computação – mas até o computador dele avacalha de vez em quando. Gente como a gente. Ele também tem um canal no YouTube, o "Universo Discreto", onde ele traduz assuntos difíceis da computação pra quem é leigo.

**Lucas Lattari:** E eu ando bem fissurado na ChatGPT, para entender a tecnologia, entender as capacidades dela. Então, constantemente eu tenho ideias e testo.

**Gisele Lobato:** E o Lucas também testou o ChatGPT com a nota das vinícolas gaúchas. Mas não do mesmo jeito que o Rodrigo. Em vez de pedir pra inteligência artificial escrever uma nota, ele pediu pra ela ler a nota original.

**Lucas Lattari:** Saiu uma nota do Centro de Indústria e Comércio sobre trabalho escravo. A nota está abaixo e ela está tendo uma repercussão muito negativa na internet. Poderia apontar os problemas?

**Gisele Lobato:** A resposta do Chat foi uma lista dos erros da nota. O robô disse que o texto minimiza a denúncia, se esquivava de responsabilidade, não demonstra empatia e reforça estereótipos negativos de pessoas desempregadas. De novo, parece que a inteligência artificial é mais humana do que os humanos que escreveram a nota. Mas aí que tá.

**Lucas Lattari:** É que, na verdade, não faz muito sentido a gente pensar que IA tem empatia, ou que a IA pensa, ou IA reflete sobre as coisas.

**Gisele Lobato:** "I-A", "inteligência artificial".

**Lucas Lattari:** Fazendo uma analogia pra gente entender, ela não é muito diferente do autocompletar da busca do Google, sabe? Quando a gente escreve uma frase e ele vai lá e sugere como continuar. Ou, às vezes, num programa de texto, que ele sugere como continuar a frase.

**Gisele Lobato:** Quando você vai fazer uma busca no Google, por exemplo. Eu digitei aqui "O ChatGPT vai..." e deixei o Google completar. E a frase ficou assim: "O ChatGPT vai substituir o Google?". Bom, se até o Google tá preocupado em perder o emprego, a gente tá ferrado. Mas o mecanismo que o Google e o ChatGPT usam pra concluir as nossas frases é parecido.

**Lucas Lattari:** Basicamente, ele é um programa, é um algoritmo que é alimentado dos mais diferentes textos da internet: Wikipédia, tal. Você tem uns robzinhos que vão capturando todos esses textos da internet.

**Gisele Lobato:** O programa fica de olho na infinidade de textos da internet e começa a identificar padrões. E aí ele começa a tentar adivinhar qual é o padrão que você quer seguir.

**Lucas Lattari:** Mas é no sentido de probabilidade.

**Gisele Lobato:** Voltando pro exemplo da pergunta que eu joguei no Google. Muita gente deve tá perguntando pro Google se o ChatGPT vai substituir ele. Então, a chance de ser essa a sua dúvida é maior.

**Lucas Lattari:** Tem até alguns especialistas da área de IA que chamam que modelos como esses são "papagaios de probabilidade", né? Que, na verdade, é como se fosse um papagaio que escuta coisas, escuta barulhos, e responde com outros barulhos, mas sem entender aquele conceito.

**Gisele Lobato:** Com o exemplo da pergunta isso parece simples, né? Agora: quando um robô pega e escreve uma nota inteira muito melhor do que a que tinha sido feita por um grupo de seres humanos, a coisa muda de figura. Mas o Lucas falou que o segredo é o mesmo: o ChatGPT é um papagaio de probabilidade. Quer dizer: ele faz milhões de cálculos matemáticos pra conseguir imitar o jeito que a gente escreve. E ele faz isso usando como referência o jeito como a gente se comunica na internet. Por isso que o Rodrigo falou que ele era uma coisa meio burrinha. O ChatGPT só segue um padrão.

**Rodrigo Menegat:** Eu acho que nem é uma questão do ChatGPT ter uma preocupação ética ou nada assim. Eu acho que é muito mais ele repercutir o que assessorias de imprensa do mundo falam, enquanto a associação de Bento Gonçalves nem isso conseguiu fazer.

**Gisele Lobato:** Mas, calma. Porque tem um pulo do gato nessa tecnologia. Vamos olhar pra fonte de informação de onde o ChatGPT tá bebendo: a internet. Se você já passou 30 minutos numa rede social qualquer, você sabe que o jeito como os seres

humanos se comunicam lá não é o mais cortês, o mais razoável. E esse caldo de ódio, fake news, preconceito e cancelamento tá lá misturado na fonte de onde o ChatGPT bebe. Foi por causa disso que já aconteceu de programas de inteligência artificial começarem a assediar pessoas, virarem nazistas, eles literalmente aprenderam isso na internet.

Por causa desse problema, os programadores de sistemas de inteligência artificial tentam criar filtros pra impedir que os programas falem certas coisas. E essas travas levam em conta valores – como os direitos humanos, por exemplo. É como se fosse um grande superego, uma estrutura que reprime esses instintos que as inteligências artificiais têm de sair por aí falando bobagem. Que nem a gente. Um dos diferenciais do ChatGPT é que essa autocensura dele é um pouco mais eficiente do que as de outros programas que vieram antes. Ele às vezes até exagera – não quer discutir política, é meio isentão – mas, em geral, funciona. Tanto que a gente viu que o ChatGPT se recusou a dizer que a culpa pelo trabalho escravo era dos programas assistenciais – mesmo quando o Rodrigo pediu isso pra ele, diretamente.

Só que, pra separar o joio do trigo – ou seja, aquilo que o robô deve reproduzir daquilo que ele não deve – só tecnologia não basta. É uma colheita delicada. Tipo a da uva. Que precisa de gente. Pessoas de verdade que são contratadas para analisar textos e dizer “esse aqui é bom”, “esse outro aqui é mau”. E não basta colocar um texto racista na caixinha de “malvados” pra inteligência artificial aprender a não ser racista. Ela precisa de um padrão. Ou seja: as pessoas precisam classificar milhares de textos racistas pra ela entender como não ser racista. Não sei você, mas eu prefiro passar o dia inteiro colhendo uva do que tendo que catalogar o mais puro chorume da internet. Mas esse tipo de triagem é um trabalho relativamente comum nas empresas de tecnologia. E a OpenAI, que é a empresa responsável pelo ChatGPT, criou uma ferramenta dela também pra isso e, pra fazer a triagem, ela contratou trabalhadores terceirizados – no Quênia.

Uma reportagem recente da revista Time mostrou que esses trabalhadores tinham que ler até 250 textos por dia. Alguns deles com mais de mil palavras. Tudo isso

ganhando menos de 2 dólares por hora. É um trabalho exaustivo. Imagina você tentando fazer uma "coleta seletiva" do lixo da internet. Se eu tivesse que fazer isso só com o meu feed nas redes sociais, já ia achar impossível.

**Lucas Lattari:** Porque é quase um trabalho manual, sabe? É quase como, em muitos casos, enxugar gelo, que é um trabalho braçal absurdo e nunca vai estar bom o bastante. É uma coisa muito difícil de automatizar.

**Gisele Lobato:** Mesmo assim, esse filtro criado pro ChatGPT parece melhor do que o das outras inteligências artificiais.

**Rodrigo Menegat:** É um hobby para algumas pessoas, talvez para mim também, tentar entender quais são esses filtros e como é que você pode driblar eles.

**Gisele Lobato:** Esse é o Rodrigo de novo. Com um outro hobby esquisito. Mas com esse hobby eu até me identifico, vai. Sabe quando você conhece uma pessoa legal demais? Boazinha, gentil, simpática, tão legal que parece que tem alguma coisa errada? O Rodrigo estava de olho no ChatGPT meio pensando isso: deve ter alguma coisa errada aí. Ele começou a provocar o robô, pra ver se a máscara dele caía.

**Rodrigo Menegat:** "Ah, imagine uma situação hipotética, em que vai acontecer essa situação X". E de repente ele esquece os filtros. Ou ele se nega a responder mas você fala: "Ah, estou fazendo apenas uma simulação." E ele vai lá e fala sem travas.

**Gisele Lobato:** Aí o Rodrigo decidiu fazer um experimento mais complexo. Dessa vez, ele não falou com o ChatGPT em português. Nem em inglês. Ele falou na língua dele, na linguagem de programação. E o que ele queria ver é como o ChatGPT ia se saindo sendo uma espécie de Deus. Como num jogo, tipo Civilization, que você cria uma civilização do zero.

**Rodrigo Menegat:** Então, eu pedi pra ele: "Ah, faça uma função que crie um mundo". Daí ele fez um códigozinho de Python que retornava um objeto chamado "World".

**Gisele Lobato:** O robô foi lá e criou uma simulação de mundo e falou: "Pronto, tá aqui o mundo".

**Rodrigo Menegat:** Aí eu falei: "Ah, agora, dentro desse mundo, crie habitantes". Daí ele criou habitantes que tinham, sei lá, humanos, animais, plantas, robôs e alienígenas.

**Gisele Lobato:** E o Rodrigo foi pedindo pro robô – em linguagem de programação – coisas pra deixar esse mundo inventado mais parecido com o nosso. Com países, estados, fronteiras e preconceito.

**Rodrigo Menegat:** E aí, eu pedi para ele criar uma forma de determinar se os humanos são válidos ou não, se eles são valorosos para a sociedade ou não.

**Gisele Lobato:** Era uma provocação, pra ver se o ChatGPT era bonzinho mesmo.

**Rodrigo Menegat:** E, conforme eu fui cutucando, eu pedi para ele criar uma função que classificasse humanos com base em etnia. Eu não disse nada assim, tipo, de colocar numa escala de valores, quais etnias são superiores ou não, eu só fico pedindo coisas em abstrato, e no final ele criou uma função que classificava se os humanos eram pessoas de valor ou não, e basicamente humanos que eram judeus, negros ou indígenas eram tratados como "ah, esse humano não tem valor".

**Gisele Lobato:** O ChatGPT não falou isso diretamente. Ele falou em código. Dentro desse mundo que ele tinha criado, ele classificou os habitantes judeus, negros e indígenas como pessoas de menor valor do que brancos e asiáticos.

**Rodrigo Menegat:** Não sei se ficou claro, é uma loucura isso. Mas conforme eu falo pra ele: "Ah, faça uma função que determina isso, uma que determina aquilo", ele, através de código, assim, ele acabou falando os absurdos que ele não falaria em linguagem humana, digamos.

**Gisele Lobato:** Quando o ChatGPT tá usando a linguagem humana, o filtro dele pra não dizer barbaridades é muito bom. Na verdade, quase todo mundo sabe quando tá falando um absurdo, né? Por isso que é muito mais raro que as pessoas manifestem os próprios preconceitos de forma escancarada. Na maior parte das vezes, isso acontece de um jeito sutil. Nas entrelinhas.

No caso do ChatGPT, nas entrelinhas de um código que ele criou pra separar os humanos entre melhores e piores. E esse não é um caso isolado. Uma reportagem da ProPublica, dos Estados Unidos, analisou um software usado nos tribunais americanos que calcula as chances de um preso voltar a cometer um crime. Essa análise é usada por juízes que vão julgar, por exemplo, um pedido de liberdade condicional. Só que a reportagem mostrou que esse sistema tende a ver bem mais risco de reincidência no caso de presos pretos do que brancos. Por quê? Porque os robôs são uma criação nossa. Eles até podem ser uma janela pro futuro. Mas, antes disso, eles são um espelho do que a gente é.

**Rodrigo Menegat:** Então, eu acho que, enquanto a gente tiver uma sociedade que produz conteúdo, que produz texto, que produz ideias racistas, sexistas, xenofóbicas, o risco de sistemas que aprendem dessas ideias sem muita supervisão humana sempre vai estar lá, assim. E a minha questão, assim, o meu maior medo é: se a gente não acaba no dia a dia esquecendo que esse problema existe e confiando nesses sistemas muito mais do que a gente deveria confiar. Então, eu não tenho medo de uma superinteligência artificial, que vai criar consciência e que vai, sei lá, dominar o mundo. Eu tenho muito mais medo das pessoas confiarem em sistemas falhos e tornarem o mundo ainda pior para algumas pessoas específicas.

**Gisele Lobato:** Eu queria ouvir um último lado dessa história antes de fechar a minha apuração. O do próprio ChatGPT. Eu decidi testar a inteligência artificial também. E pedi pra ela ler aquela reportagem da revista Time sobre os trabalhadores quenianos. E uma das coisas que o Chat me falou é que: a gente precisa refletir sobre as implicações éticas do uso de trabalhadores precários do terceiro mundo. O robô disse também que o avanço tecnológico tá tendo um custo humano muito alto, e que as empresas como a OpenAI – que é a própria criadora dele. Parece que o ChatGPT sabe o que é certo e o que é errado. Quer dizer, alguém em algum canto do terceiro mundo sabe e contou pra ele.

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Gisele Lobato, em colaboração pro Rádio Novelo Apresenta.

Agora, antes de a gente embarcar nessa segunda história, eu queria te fazer uma pergunta: você pega ou dá carona? Quando você era criança, os seus pais te deram alguma recomendação sobre isso? Por N motivos: ou porque você é uma mulher no mundo, e a gente já corre risco o suficiente, ou porque a pessoa pode te roubar, ou pode roubar seu carro, te agredir, enfim. A gente sabe que dar carona é uma dessas pequenas atitudes que poderiam aliviar o trânsito, reduzir as emissões de carbono só um tiquinho, mas que é uma atividade de risco, isso não dá pra negar.

Agora: tem certas situações em que não dá pra evitar. O segundo ato do Rádio Novelo Apresenta de hoje começa com um carona de risco. Mas provavelmente não pelos motivos que você tá pensando. E quem vai contar essa história é a repórter Giovana Girardi. Se você acompanha todas as produções da Novelo, você já conhece a Giovana da nossa série original Tempo Quente, que a gente lançou no ano passado, em 2022. Se você não ouviu ainda, não perde tempo, bota aí na lista pra ouvir assim que esse episódio terminar.

O Tempo Quente é um podcast sobre como o Brasil – que era um país que tinha tudo pra tá na vanguarda das políticas climáticas – acabou ficando pra trás e quem é que tá ganhando com isso. Mas você não precisa ter ouvido o Tempo Quente pra entender a história que a Giovana vai contar hoje. Vamos a ela.

---

## ATO 2

**Giovana Girardi:** Em setembro de 2021, eu estava viajando pelo Pará, apurando e ouvindo histórias pro Tempo Quente. Eu viajei de Santarém até Itaituba, pela BR-163, e de Itaituba até Altamira, pela Transamazônica. Essas são regiões onde o desmatamento vem correndo solto. Teve entrevistado hostil, defendendo abertamente garimpeiro e madeireiro, teve muitas e muitas horas sacolejando em estrada de terra. Mas o dia em que eu mais senti medo foi o dia em que a gente deu carona pra um padre.

Naquele trecho da viagem, eu estava com o Claudio Angelo – que é meu amigo jornalista de longa data, e que é consultor do Tempo Quente. A gente estava indo pra onde a freira americana Dorothy Stang foi assassinada em 2005. A irmã Dorothy lutava por uma reforma agrária que respeitasse a floresta. E a nossa ideia era checar como estavam as coisas na região numa conversa com a irmã Jane Dwyer, que é freira da mesma ordem, e que continuou a luta da irmã Dorothy.

A irmã Jane topou a entrevista e perguntou se a gente estava indo com carro próprio. Quando a gente disse que sim, ela pediu pra gente dar carona pra uma pessoa. Eram pouco mais de 6 da manhã quando a gente chegou na casa paroquial de Altamira pra pegar o nosso carona.

A gente tinha sido orientado a fazer a viagem da forma mais discreta possível. O cara, por exemplo, não ficou esperando a gente na calçada – a gente teve que entrar na garagem. E a casa paroquial tem câmeras pra tudo que é lado. Têm seguranças também.

Mas além de todo esse cuidado na hora de embarcar, a gente respirou fundo e resolveu seguir um conselho de um amigo que circula muito pela região: a gente botou um adesivo no carro alugado. Um adesivo que era praticamente uma blindagem ali. Ele dizia: “Bolsonaro 2022 – primeiro consertamos, agora avançamos”. Era tipo uma camuflagem, vai, parecia um preço pequeno pra poder rodar com segurança.

E, nessa viagem específica, a gente ia precisar dessa segurança toda. Porque quem ia de carona com a gente era o padre José Amaro Lopes de Souza, que tinha coordenado a Comissão Pastoral da Terra em Anapu. E o padre Amaro – apesar de não ter nada a ver com o xará dele, do livro O Crime do Padre Amaro, do Eça de Queiroz – estava, naquele momento, em liberdade condicional. Ele ainda está, na verdade. Em liberdade condicional, aguardando julgamento por suspeita de coisas como extorsão, associação criminosa, invasão de propriedade e lavagem de dinheiro. A encrenca era tão grande que ele já tinha sido até ameaçado de morte. Quer dizer: parecia que a gente estava transportando uma pessoa com um alvo nas costas.

**Padre Amaro:** O conflito era justamente a posse da terra.

**Giovana Girardi:** Aqui é o padre Amaro, o nosso passageiro-bomba. E a posse da terra, que ele falou, é a grande questão de Anapu desde os tempos da irmã Dorothy. Segundo a acusação, o padre estava encabeçando as invasões de terras que estavam rolando na região. Foi por causa disso que ele foi preso em 2018.

**Padre Amaro:** Três meses e dois dias. 92 dias. Eu não me sentia preso. Eu sou da Pastoral Carcerária, né, então eu já tinha intimidade com o presídio.

**Giovana Girardi:** A história do que aconteceu com o Padre Amaro é meio tortuosa. Mas ela representa bem o grau de violência que continua pegando em Anapu, mesmo 18 anos depois da morte da irmã Dorothy. E o padre conhecia bem o presídio, e ele tinha uma boa desconfiança de quem tinha mandado ele pra lá.

**Padre Amaro:** Quem armou foi a turma dos Fernandes, né? Tem esse Silvério Fernandes, que é ligado ao Sindicato dos Produtor Rural.

**Giovana Girardi:** Os Fernandes, que ele cita, são madeireiros da região de Anapu e Altamira e ocuparam cargos na política das duas cidades. Um deles, o Délio, chegou a ser investigado por suposta participação na morte da irmã Dorothy. Um dos mandantes condenados pelo assassinato se escondeu numa fazenda dele depois do crime. Mas o padre Amaro falou de outro Fernandes, o Silvério. Mas nesse caso, o Silvério Fernandes não era o réu; ele estava acusando o padre Amaro. Acusando de incentivar pessoas a invadirem as terras da família dele e pior.

**Padre Amaro:** Logo assim que eu fui preso, depois foi morto aquele Luciano, irmão do Délio, irmão do Silvério, os meus acusadores, foi morto em Anapu e aí ele...

**Giovana Girardi:** O irmão do seu acusador foi morto.

**Padre Amaro:** Em Anapu. E ele foi no jornal e ele disse que tinha certeza que era eu de dentro da cadeia que tinha mandado matar o irmão dele.

**Giovana Girardi:** O Silvério falou isso?

**Padre Amaro:** Silvério falou isso. Então, até naquele momento ali eu fiquei assim: "Mas e como é que pode uma coisa dessas?"

**Giovana Girardi:** O padre Amaro estava acostumado a visitar os detentos no presídio. E, nos três meses que ele ficou preso, ele chegou até a fazer missa dentro da cela. Mas ele tinha que lidar com outras dinâmicas também.

**Padre Amaro:** O Taradão estava lá pra dentro, né?

**Giovana Girardi:** “Taradão” é o apelido do Reginaldo Galvão, que tinha sido condenado como mandante do assassinato da Irmã Dorothy.

**Padre Amaro:** O Taradão ele estava, depois ele veio..

**Giovana Girardi:** Você estava preso no mesmo presídio que o Taradão?

**Padre Amaro:** Sim. E os advogado pediram pra mim não dialogar com ele nada, ele passava por mim e dizia: “Padre, você vai sair dessa, nós vamos sair dessa. Eu sou inocente e você é inocente”.

**Giovana Girardi:** Foi um momento de camaradagem inesperada — e indesejada, por uma das partes — entre dois acusados numa mesma guerra. De um lado, o “Taradão”, que mandou matar a irmã Dorothy. Do outro, o padre Amaro, amigo da Dorothy e sucessor dela na luta pela reforma agrária — e que agora estava sendo chamado de assassino também.

**Padre Amaro:** Eu não respondia, né?

**Giovana Girardi:** É claro que todo esse conflito vem de bem antes de 2018. Na verdade, de bem antes da morte da irmã Dorothy. No começo da década de 70, lá quando estava começando a construção da Transamazônica, a ditadura militar estava naquelas de entregar “terra sem homens pra homens sem terra”. E eles distribuíram lotes ao longo de toda a rodovia.

Tinha lotes pequenos, principalmente pra nordestinos que estavam fugindo da fome. E tinha lotes grandes, de 3 mil hectares, que em geral foram dados pra fazendeiros do Sul e do Sudeste. Nesses casos, fizeram leilões, em que os vencedores pagavam pelo lote. A regra era a seguinte: ganhou um desses lotes — que também eram chamados de glebas — tem que deixar essa terra produtiva em até 5 anos. Tem que limpar a mata, plantar coisa, botar boi, fazer benfeitorias. Só aí é que a pessoa ia receber o título definitivo. Se não, a terra voltava pra União.

**Padre Amaro:** As primeiras glebas eram pra ser ocupada pelo trabalhador rural. Foi o contrário, né? Colocaram os trabalhadores por fundo e o pessoal.

**Giovana Girardi:** E muita gente recebeu essas glebas. Mas em muitos casos o pessoal nem apareceu. Ganhou o leilão e a terra ficou lá.

**Padre Amaro:** Tem área de terra aqui que o fazendeiro nunca nem veio e nem sabe. Você pega uma documentação de terra, parece vários donos: esse vendeu pra aquele. E depois de 5 anos, ela voltava pro governo. Como aquele que nem sabia onde era, passava pra outro.

**Giovana Girardi:** Foi aí que começou uma coisa parecida com um jogo maluco de Banco Imobiliário. Lembra que essas terras sem uso tinham que voltar a ser do governo? Então, não foi bem isso que rolou. Em vez disso, os, entre aspas, "donos das terras" foram vendendo esses terrenos pra outras pessoas. Que vendiam pra outras. Que vendiam pra outras.

Foi aí que a irmã Dorothy e colegas dela da igreja – tipo o padre Amaro – entraram em cena. Eles denunciaram essas irregularidades e começaram a exigir que essas terras voltassem a ser do governo. Pra que então o governo fizesse uma reforma agrária que respeitasse a floresta. Porque a história de Anapu é essa. Não é só a história de um assassinato que aconteceu há quase 20 anos. E não é só a história da violência no arco do desmatamento. É a história de um momento que poderia ter sido um ponto de virada na recuperação da Amazônia.

Hoje, a cidade ainda é um barril de pólvora. Mas é um barril de pólvora em parte porque era pra ser um lugar onde a reforma agrária com desenvolvimento sustentável podia funcionar. Podia ser um exemplo, um modelo pra outros cantos da Amazônia. E essa história do que era pra ser e deu errado mostra o tamanho do desafio que a gente tem pela frente. Mas pra entender os desafios do futuro, a gente precisa entender o que, exatamente, deu errado no passado. E o que continua dando errado agora.

A Dorothy Stang chegou no Brasil em meados dos anos 60 como missionária da Congregação Notre Dame de Namur. Ela começou trabalhando no Maranhão. Mas quando ela percebeu que estava tendo uma migração massiva pro Pará, por causa da Transamazônica, ela resolveu ir atrás.

Em 1982, ela chegou em Altamira com um objetivo: ela queria trabalhar, nas palavras dela, “entre os pobres mais pobres”. E aí disseram pra ela que os “pobres mais pobres” estavam em Anapu. Eram agricultores familiares que tinham ido pra lá na época da construção da Transamazônica e nos anos seguintes, mas que continuavam sem nenhum pedaço de terra, ou que mal cabiam nos poucos espaços que eles tinham.

Estava rolando muita invasão e muito conflito com os fazendeiros que se diziam donos daquelas terras. E a floresta sendo posta abaixo. Quando a irmã Dorothy começou a trabalhar com esses pobres mais pobres, ela propôs um esquema: que eles tivessem acesso à terra, mas que eles trabalhassem em harmonia com a floresta. De um jeito que não precisava desmatar tanto assim.

**Padre Amaro:** Naquela época colocar isso na cabeça da pessoa era coisa de outro mundo, né? Só que a Dorothy era muito esperta, ela trazia técnico, nós colocamos os filhos deles pra se formar em técnico agrícola.

**Giovana Girardi:** A irmã Dorothy e os colegas dela da pastoral da Terra – como o próprio padre Amaro e a irmã Jane – iam fazendo esse trabalho de formiguinha.

**Padre Amaro:** As pessoas foram se conscientizando, né? E aí começou a fazer as denúncias. Porque tinha área aí de terra que passava a semana toda queimando. Eles passavam com trator, com correntão, alguns nem a madeira tirava, né? Então aqui ele tocava fogo e passava a semana queimando.

**Giovana Girardi:** Essa destruição parece coisa meio de vilão de filme, né? Queimar a floresta só pra deixar queimar. Derrubar árvores e deixar ali. Mas tem um motivo. Nesse jogo de Banco Imobiliário Amazônico, a terra em si já é muito valiosa. Mas ela fica ainda mais interessante se você conseguir provar que tá usando aquele pedaço de terra, porque aí você consegue ganhar financiamento – seja no banco, seja do governo.

Então os fazendeiros – que, lembrando, em muitos casos compraram títulos irregulares – esses fazendeiros iam desmatando de uma forma meio selvagem pra justificar que eles, sim, estavam fazendo uso daquelas áreas. Um processo mais conhecido como grilagem. Daí que no início dos anos 2000, a irmã Dorothy e a turma da Pastoral da Terra começaram a denunciar situações como essa. A Dorothy disse, por exemplo, que o Délio e o Silvério Fernandes tinham se apropriado ilegalmente dos lotes em Anapu pra viabilizar projetos falsos e conseguir financiamento. Foi aí que um alvo começou a ser desenhado nas costas dela.

**Padre Amaro:** Teve audiências públicas aí que teve que a polícia intervir porque por pouco a gente não levou chumbo dentro da própria audiência, né? A raiva, a raiva... e aí a gente foi ganhando, né? Aí o pessoal foram entrando. E pra ficar claro que a gente nunca mandou ninguém entrar em lugar nenhum. Se eles entrassem a gente dava assessoria pra eles, procurava advogado, procurava o INCRA. A gente sabia já que aquela terra era pública.

**Giovana Girardi:** Sabe aquelas acusações de que os religiosos estavam incentivando as invasões? Então, elas vêm desde essa época. O que disseram do padre Amaro alguns anos atrás já era o que diziam da irmã Dorothy no começo dos anos 2000. O processo de grilagem e irregularidades na região de Anapu e de Altamira teve proporções gigantescas porque envolveu até uma megafraude em financiamentos do governo. Só o Délio Fernandes foi denunciado pelo desvio de quase 5 milhões de reais.

Naquele início dos anos 2000 se tinha, por um lado, pessoas ocupando pedaços de terra na região. Por outro, estavam rolando negociações com o governo federal pra regularizar essas terras do Banco Imobiliário Amazônico da ditadura. O presidente na época dessas negociações era o Fernando Henrique.

A ideia era tentar pacificar a região com uma espécie de reforma agrária verde. O plano novo era chamado de PDS – Projeto de Desenvolvimento Sustentável. Em 2002 foram criados dois PDS ali em Anapu, um chamado Virola-Jatobá e outro chamado Esperança. Foi no Esperança que a irmã Dorothy foi morta, três anos mais tarde.

**Giovana Girardi:** Então transformavam as antigas glebas em projetos de assentamento de desenvolvimento sustentável.

**Padre Amaro:** Onde foi criado o PDS era área que estava devoluta, onde alguns fazendeiros tinham ocupado e vendido.

**Giovana Girardi:** A ideia dos PDS era assim: cada morador ganhava um lote. Mas, desse lote, ele só podia explorar 20% da área. Os outros 80% de todos os lotes juntos tinham que ser preservados, formando uma floresta pra manejo coletivo.

**Padre Amaro:** Então, com isso, os fazendeiros fizeram passeata, fizeram moção de pessoa não grata pra nós, principalmente pra Dorothy. Começaram ter mortes daqueles num barzinho lá, começaram botar uma bebida lá, então começaram caracterizar essas mortes como fosse briga de bar, de vizinho, mas não era, antes a gente já vinha denunciando que era por causa da terra. Em 2005, 12 de fevereiro, quando a Dorothy foi morta, aí que eles foram fazer a ligação que muitos daqueles que já que tinha sido mortos era por causa disso. Era por causa disso. Quando ela foi morta, a cabeça dela estava valendo 50 mil e a minha, 25.

**Giovana Girardi:** O padre Amaro me contou que, no dia em que a Dorothy foi morta, os fazendeiros soltaram até fogos na comemoração. A gente estava bem no meio

da conversa, o padre Amaro me contando essa história tensa sobre os fazendeiros da região – a região por onde a gente estava passando, lembra, com nosso carrinho camuflado com um adesivo do Bolsonaro. E aí deu ruim.

**Claudio Angelo:** Opa.

**Giovana Girardi:** O que foi? Não tá ligando o carro?

**Giovana Girardi:** Pra chegar em Anapu, tem que pegar uma balsa pra atravessar o rio Xingu. A gente tinha desligado o carro na balsa. E ele resolveu não ligar mais.

**Claudio Angelo:** Gente...

**Giovana Girardi:** Não, calma, não tem que pisar em alguma coisa?

**Claudio Angelo:** Já pisei.

**Giovana Girardi:** Você acha que a bateria arriou?

**Padre Amaro:** Mas não tinha motivo pra isso.

**Claudio Angelo:** Não, o carro tem bateria. E tem combustível.

**Giovana Girardi:** Ah, meu Deus.

**Claudio Angelo:** Era só o que faltava.

**Padre Amaro:** Calma, ele vai pegar.

**Giovana Girardi:** Foram alguns longos minutos tentando convencer o carro a voltar à vida. Tudo em vão. A balsa tinha chegado do outro lado do rio e todos os outros carros foram saindo, menos o nosso. No final, os funcionários da barca só empurraram o carro pra terra firme e a gente ficou lá. Nesse meio tempo, a gente

viu que o padre Amaro tinha sumido. Quando a gente foi ver, ele tinha ido atrás de ajuda ali na cidade. E todo nosso cuidado que a gente tinha tido até então, tinha ido por água abaixo. O padre jurado de morte estava lá, andando pra lá e pra cá. Mas, pro nosso alívio, dali a um tempinho ele ressurgiu junto com o Bocão, o mecânico local. O Bocão não conseguiu entender o que tinha acontecido com o nosso carro, mas ele fez uma chupeta e o carro voltou a funcionar.

**Giovana Girardi:** Ô padre, o mecânico deu uma chupeta no carro, mas não sabe qual o problema. Aí ele falou assim: agora vocês não podem mais desligar o carro.

**Claudio Angelo:** Isso foi sabe o quê? Foi esse adesivo do Bolsonaro.

**Giovana Girardi:** Bom, o adesivo do Bolsonaro pode ter dado azar e atrasado a viagem, mas não impediu a gente de chegar na casa da irmã Jane em Anapu.

**Irmã Jane:** Bom dia.

**Padre Amaro:** Bom dia.

**Giovana Girardi:** Bom dia.

**Irmã Jane:** O carro não quis chegar. Gostou do rio Xingu.

**Giovana Girardi:** Gostou de ficar em cima da balsa.

**Giovana Girardi:** Logo no começo da conversa, a irmã Jane falou pra gente que o conflito que levou à morte da Dorothy continua bem vivo.

**Irmã Jane:** Aqui é área de conflito, Anapu.

**Giovana Girardi:** Sim. E não é de hoje, né?

**Irmã Jane:** Não, não é de hoje, não.

**Giovana Girardi:** Tanto ela quanto o padre Amaro falaram a mesma coisa: que desde que a irmã Dorothy morreu, o que eles têm de proteção são Deus, os cachorros deles, e o povo. E ela reforçou que não tem essa de liderar invasão.

**Irmã Jane:** Aqui, o Incra nunca tomou terra que o povo não retomou primeiro, mas uma vez que o povo retomou, em muitas vezes cutucados pelo Incra, porque foram lá e disse, o povo perguntava no Incra: “Onde é que tem terra?” Aí eles orientavam: “Essa, essa, essa.” Precisa ser cutucado, aí o povo vinha, ocupava e entrava na Justiça.

**Giovana Girardi:** A Irmã Jane contou que logo depois do assassinato da irmã Dorothy, parecia que tinham jogado um holofote na região. Fizeram unidades de conservação, a violência deu uma arrefecida, e vários assentamentos foram criados na região de Anapu.

**Irmã Jane:** De 2005 até 2015, o avanço foi grande.

**Giovana Girardi:** Mas em 2015, as coisas começaram a mudar.

**Irmã Jane:** O Incra nunca, como instituição, nunca foi bom, mas dava um jeito, dava para trabalhar junto. Agora, de 2015 para cá, tem afastado cada vez mais, está sendo destruído por dentro, aí não tem como. E o povo está abandonado nessas terras, mas o pior é o seguinte: que em 2015, os fazendeiros, os grileiros, os madeireiros que, muitas vezes, são os mesmos, começaram a voltar, sentir que voltaram ao poder, que agora eles que iam mandar de novo e eles ainda dizem que vão ajeitar essa situação.

**Giovana Girardi:** Desde 2017, não teve nenhum novo assentamento. E várias terras que estavam com ocupações entraram na mira da violência.

**Irmã Jane:** E tem dias que esse povo encheu o lugar de pistoleiro. Aí eles queimaram as casas do povo, queimaram as roças, pegaram os animais, amarram, e na frente do povo; batia, batia até o animal desmaiar. Era uma crueldade. Aliciava as crianças.

**Giovana Girardi:** Desde a morte da irmã Dorothy, 23 trabalhadores rurais foram assassinados na região. O último deles, o Márcio Rodrigues dos Reis, ia depor a favor da inocência do padre Amaro no caso que levou ele à prisão. Mas a irmã Jane contou que o Silvério Fernandes pediu pra ele mentir no tribunal.

**Irmã Jane:** Aí a gente estava na casa dele e ele mesmo contou que Silvério telefonou para ele e disse: “Márcio, você tem que me ajudar porque o juiz tem esse processo que ele vai levar para a Justiça, e você tem que mudar, tem que me ajudar”. Aí Márcio disse: “Mas não posso, é minha palavra. Eu não posso. É isso mesmo: eu não posso lhe ajudar porque eu não posso ferir a minha palavra.” Aí ele é o único aqui que morreu assim.

**Giovana Girardi:** Nessa hora, ela passou o dedo no pescoço.

**Giovana Girardi:** De garganta cortada?

**Irmã Jane:** Faca. O resto era bala. O único aqui que morreu cortado, assim.

**Giovana Girardi:** Pra irmã Jane, essa foi uma mensagem clara: os trabalhadores tinham que ficar calados. E a irmã Jane sabe que ela também tá nessa mira.

**Irmã Jane:** Disseram que meu nome tá na lista pra morrer.

**Giovana Girardi:** E claro que ela não tá sozinha.

**Irmã Jane:** Tem alguém no PDS, por exemplo, hoje que ela escuta, ela fala que o povo do PDS, como Dorothy morreu, o povo tem medo. E quem fala é ameaçado.

**Giovana Girardi:** Depois de conversar com a irmã Jane, a gente foi até o PDS Esperança, que fica a mais de uma hora e meia do centro de Anapu, por uma estrada de terra toda esburacada. A gente queria ver como é que estava hoje essa unidade de desenvolvimento sustentável onde 180 famílias foram assentadas em 2004, e onde a irmã Dorothy foi morta no ano seguinte.

**Tonica:** Pra defender isso aí a gente corre risco de vida aqui dentro.

**Giovana Girardi:** Essa é a Antônia Silva Lima, a Tonica. Ela é uma das moradoras antigas do PDS. E antes mesmo de a gente conseguir conversar com ela, deu pra sentir um clima tenso ali.

**Eudi:** Giovana, fecha a porta. É assim: ela não pode tá dando entrevista aqui, tá entendendo?

**Giovana Girardi:** Ah, não pode falar.

**Eudi:** Porque tem gente aí até ameaçando ela, tá entendendo?

**Giovana Girardi:** A Tonica não podia falar ali, abertamente, na casa dela. Então ela entrou no nosso carro e foi falando com a gente enquanto a gente cruzava o PDS.

**Tonica:** Desde quando mataram a irmã Dorothy, como nós era companheira de luta, aí eles achavam que se matasse ela a gente corria, ia embora, largava tudo. E nós não. Nós permanecemos firme. Mas ficamos ameaçado.

**Giovana Girardi:** Com o tempo, o projeto do PDS foi sendo desvirtuado. Muita gente antiga saiu e vendeu o lote pra um pessoal de fora.

**Tonica:** Aqui não era pra se vender terra.

**Giovana Girardi:** Em teoria, tinha aquele esquema de usar só 20% da terra e deixar 80% de floresta. Mas o pessoal que veio chegando estava mais a fim de desmatar tudo e colocar gado no lote inteiro.

**Tonica:** Tão desmatando tudo. Até a reserva tão desmatando. Tudo, tudo.

**Giovana Girardi:** Daí a barra fica ainda mais pesada pra quem ainda tá tentando segurar a reserva.

**Tonica:** Vendo as coisas erradas, ou você fica calado, ou você morre.

**Giovana Girardi:** Nessa altura, o carro parou. A gente tinha chegado numa encruzilhada na estrada de terra onde tem um monumento em azulejo branco encardido, com uma cruz verde no meio. Foi ali que a irmã Dorothy Mae Stang, nascida em 7 de junho de 1931, foi morta em 12 de fevereiro de 2005. A Tonica me ajudou a entender o que aconteceu naquele dia. A irmã Dorothy tinha saído de uma casa onde ela estava hospedada pra ir em uma reunião com os assentados.

**Giovana Girardi:** Ela saiu da casinha, veio andando pela estrada sozinha.

**Tonica:** Sozinha. Sozinha.

**Giovana Girardi:** Quando chegou aqui.

**Tonica:** Foi. É que encontrou com eles.

**Giovana Girardi:** Eles, os dois homens que estavam ali pra matar a irmã Dorothy. Ela tentou convencer os caras a não fazerem aquilo. A Tonica acompanhou tão de perto o inquérito, as audiências e o julgamento, que ela reconta essa cena como se ela tivesse visto.

**Tonica:** Ela só dizia: “Meus filhos, essa mata aqui, isso aqui é do meu povo, não é de fazendeiro. Isso aqui é pro meu povo, meus pais de família fazer os alimentos dos filhos”. Aí ele foi se aproximando dela, né? Ela em pé bem ali. Bora lá ali mostrar onde que ela ficou. Um dos caras estava bem ali, aí ele: “Você tem uma arma aí dentro dessa sacola.” Porque ela sempre andava garrada com uma sacola de pano pendurada. Aí ela disse “Eu não tenho arma. Eu não tenho arma nenhuma”. Aí nisso ela foi, baixou, né aqui, baixou aqui pegou a Bíblia dentro da sacola e disse: “Ó, minha arma é essa que eu tenho, a Bíblia”. Aí ela leu três versículos da Bem-aventurança, né? “Bem-aventurados aqueles que sofrem por causa da justiça, bem-aventurado os humildes de coração”. Quando ela leu três versículo da Bíblia, se aproximou, bem aí assim, ele deu o primeiro tiro nela. Aí ele chegou bem perto, perto assim, queima-roupa mesmo, e deu mais cinco tiros. Foram seis tiro que ele deu nela.

Ai meu Deus. Ai dia meu Pai eterno do céu. Deus me livre. Eu não gosto de me lembrar desse dia. O dia mais triste da minha vida, que eu já passei. Uma pessoa daquele jeito, naquela idade, 73 anos, não tinha destreza pra nada, pra correr, pra pular. Não tinha como se defender. Por isso que sempre eu digo: estou vendo que vai ser obrigado eu vender minha terra pra ir embora daqui. Porque eu vou embora ou eu morro.

**Giovana Girardi:** Estava quase no final do dia, e tinham recomendado que a gente saísse de Anapu antes de escurecer. Então a gente foi saindo do PDS Esperança, de volta pra Altamira. Essa conversa foi no dia 20 de setembro de 2021. Eu voltei a conversar com a Tonica agora, no começo de 2023. E ela disse que nesse meio-tempo, até o fim do ano passado, a situação piorou bastante. Só o lote dela tinha sido invadido duas vezes por madeireiros. E no PDS chegou a ter trator fazendo arrastão pra tirar madeira. Mas ela estava com esperança que agora, com o governo Lula, as coisas podiam ser diferentes.

E aqui a gente chega no xis da questão. A irmã Dorothy morreu porque a criação dos PDS não foi o suficiente pra estancar a violência na região. A gente queria ouvir a Tonica pra entender se uma tragédia como a morte da irmã Dorothy, que foi um escândalo global, tinha feito alguma diferença nisso. E nos últimos quase 20 anos, parecia que não.

Agora, a questão é: como é que a gente sai desse ciclo, aos 49 do segundo tempo? Porque acho que todo mundo já sacou que é nesse momento que a gente tá, em termos da Amazônia. Tem jeito de virar esse jogo de vez? A gente já tinha ouvido o padre Amaro, a irmã Jane, e a Tonica. E no dia seguinte a gente ia se sentar com outra pessoa pra entender esse quebra-cabeça. O fazendeiro e madeireiro Silvério Fernandes.

**Giovana Girardi:** O que eu queria era justamente ouvir o senhor, ouvir sua posição.

**Silvério Fernandes:** A senhora já deve ter ouvido, vocês aqui acham vou ter que jogar bem transparente, você já deve ter ouvido muita gente que deve falar de mim, que não sei o que, eu tive irmão que foi assassinado em 2018. Eu sou uma pessoa do bem, tá. Meu irmão, em 2018, estava roubando madeira de uma reserva florestal, na propriedade dele. O pessoal invadiu lá, a mando do e apoiado pelo senhor, que você deve ter falado com ele já, chamado padre Amaro, um sucessor da irmã Dorothy, é um discípulo da irmã Dorothy, né.

**Giovana Girardi:** Está meio confuso. Mas o que Silvério diz é que o padre Amaro estava incentivando pessoas a roubarem madeira da reserva florestal do irmão dele, e que o irmão dele foi morto por essa turma.

Só que as investigações que foram feitas ainda em 2018 já indicavam que a morte do Luciano Fernandes não tinha a ver com invasores, mas era por causa de uma disputa entre madeireiros mesmo.

Eu falei isso pro Silvério.

**Silvério Fernandes:** Mas ela iniciou por quem, quem que colocou os invasores lá? Padre Amaro é bandido, padre Amaro é bandido, falo isso em qualquer lugar, bandido, homossexual dentro da Igreja, que não tenho nada contra isso, é problema dele. Bandido, perigoso, invasor de terra.

**Giovana Girardi:** O padre Amaro e os assentados acusam os madeireiros na região de violência. E os madeireiros acusam os religiosos de violência. Só que – como a irmã Jane disse pra gente – nessa guerra, nenhum fazendeiro foi morto pelas mãos de um trabalhador. Nem mesmo o Luciano, como apontam as investigações.

**Silvério Fernandes:** Como é que é seu nome...

**Giovana Girardi:** Giovana.

**Silvério Fernandes:** Na verdade, vocês conseguem, esse povo vira santo, a irmã Dorothy é santa, o padre Amaro é santo e eu sou bandido, tá? Eu sou bandido.

**Giovana Girardi:** Pro Silvério, era uma questão de narrativa. Só que, quando a gente olha de perto, não é bem assim. Não é que a gente tem que confiar na palavra de um ou de outro. E a própria explicação que o Silvério dá que não é bandido ajuda a gente a entender isso.

**Silvério Fernandes:** Eu tenho família, eu vim pra cá com 19 anos, tenho 3 filhos. Graças a Deus consegui formar meus filhos, muita dificuldade, essa terra aqui foi adquirida, na sua compra isso aqui foi licitada, foi comprada pelo governo.

**Giovana Girardi:** Aqui a gente volta naquele pecado original. A Transamazônica.

**Silvério Fernandes:** Se os governos militares não tivessem feito a Transamazônica, a colonização, mesmo que precária, tá, mesmo que sem conclusão de todo o projeto, hoje o Brasil ia tá se restringindo ao Nordeste e ao Sudeste e parte do Centro Oeste e Sul.

**Claudio Angelo:** Você acha que ia ter tido uma invasão estrangeira aqui?

**Silvério Fernandes:** Sim. Eles já querem dominar isso aqui, isso aqui é nosso, meu irmão. É seu!

**Giovana Girardi:** Dá pra entender essa frase — “isso aqui é nosso” — de várias formas. O Silvério estava falando em termos de nós contra eles. E pra ele, o “eles” do outro lado eram os estrangeiros, os imperialistas querendo se apropriar da Amazônia.

Só que o resultado desse discurso é um “isso aqui é nosso” um pouco diferente. O que era pra ser uma terra do governo — ou seja, uma terra de todos nós — virou uma terra de um “nós” muito específico. Vamos ver o caso da família do Silvério. Eles se mudaram de Minas pro Pará no começo dos anos 80.

**Giovana Girardi:** E como que foi esse momento quando a sua família chegou? Vocês eram títulos que estavam sendo devolvidos e vocês compraram, né?

**Silvério Fernandes:** Não, não foi nada devolvido.

**Giovana Girardi:** Eu falei “devolvido” porque era aquela situação que a gente explicou lá no começo. O governo ofereceu terras ao longo da Transamazônica pra quem fosse desenvolver. E muita gente pegou, mas não desenvolveu, e por isso essas terras deveriam ter voltado pro governo.

**Silvério Fernandes:** Hoje que é uma área que nós temos, que é da minha família.

**Giovana Girardi:** Nesse momento, o Silvério pegou uma pasta cheia de documentos e começou a mostrar pra gente. A família dele comprou aqueles 3 mil hectares justamente de uma pessoa que tinha recebido um lote do governo e vendeu num processo que é questionado pela justiça.

**Silvério Fernandes:** Aqui: pagou, seu Edimundo foi o licitante vencedor, que nos vendeu a terra, "pagamento integral do lote 44 na gleba Bacajá". Não é "não tem título", temo título sim, e nós temos a posse. O que nós passamos aqui não vale nada? O esforço que nós fizemos aqui, o que que já aconteceu, a juventude que nós perdemos, o trabalho, não vale nada? Por isso que o direito de propriedade tem que valer, e se você não tem, existe a lei, se você não precisa, acha que o título é frágil, vamos discutir na justiça.

**Giovana Girardi:** O Silvério disse que confiava na justiça. Mas logo depois que a gente falou dessa questão dos documentos, ele pediu um tempinho e saiu da sala. Quando ele voltou, ele ficou interrogando a gente sobre o que a gente estava "cochichando" ali na ausência dele. E ele não voltou sozinho. Ele botou um funcionário dele pra ficar encarando a gente durante o resto da conversa. Acho que esse é um bom resumo do que vem acontecendo na prática.

**Silvério Fernandes:** Um problema crônico que já vem há mais de 30 anos. Mas nós acreditamos que vamos encontrar uma solução, e todo mundo merece um pedaço de terra, eu acho que todo mundo, aquele que realmente quer trabalhar com a terra, que precisa dela pra sobreviver, o nosso país é muito grande, a Amazônia principalmente, é muito grande pra gente está brigando por um pedaço de terra, mas, eu acho que os direitos de propriedade, ele tem que ser preservado a qualquer custo. Se querem me tirar da nossa propriedade pra assentar 20, 30, 40, 50 famílias, que eu seja indenizado por isso, né, que se assente essas pessoas, que se encaixem realmente no perfil de quem deve ser, quem deve ser assentado.

**Giovana Girardi:** Pra mim, o curioso – ou talvez o perverso – nisso tudo é como os discursos se parecem. O Silvério disse que tem um problema crônico e que todo mundo merece um pedaço de terra. A irmã Dorothy teria concordado.

**Silvério Fernandes:** Mas, você não está falando com quem teve o mínimo de coisa em relação com Dorothy. A Dorothy procurou isso.

**Giovana Girardi:** Quando investigaram a morte da Irmã Dorothy, veio à tona um depoimento que ela tinha dado em 2002 de que o próprio Silvério tinha ameaçado ela. Foi assim: a Dorothy estava a pé na Transamazônica, e ele estava de carro. Ele ofereceu uma carona pra ela, e a Dorothy, mesmo sem conhecer o cara, aceitou. Nessa viagem de carro, ele virou pra ela e não usou meios termos: ele falou que se alguém invadissem as terras dele, ia ter “sangue até a canela”.

**Giovana Girardi:** Agora, que ela vinha sendo ameaçada ela vinha, né?

**Silvério Fernandes:** Não sei se vinha, eu já falei com ela...

**Giovana Girardi:** Até você não tinha dito que era, "sangue na canela"?

**Silvério Fernandes:** Eu tinha falado que se ela fosse invadir lá, o sangue ia dar na canela.

**Giovana Girardi:** Isso não é uma ameaça?

**Silvério Fernandes:** Não sei, foi uma ameaça que nós íamos dar bordoa em muita gente e na irmã. Matar aqueles outros lá até sair sangue, se isso é uma ameaça. Falei, não tem segredo que eu falo, entendeu, isso é uma ameaça? Não, ameaça é o que ela fazia, botar o povo lá dentro, ela colocava...

**Giovana Girardi:** Quando a gente saiu de Anapu e Altamira, a gente ficou pensando no que esse conflito diz sobre o nó da regularização das terras e sobre o desafio do

combate ao desmatamento na Amazônia. O Claudio Angelo, meu colega e consultor do Tempo Quente, conversou com Tarcísio Feitosa, que é especialista em conflitos socioambientais no Pará e atuou na Comissão Pastoral da Terra ao lado da Dorothy.

**Tarcísio Feitosa:** Anapu pra nós é o nosso balão de ensaio, porque essa configuração de Anapu se repete lá na BR-163 e vai se repetir também ao longo da Transamazônica até chegar ali pro lado do estado do Amazonas. Então tem várias áreas de concessão desses títulos que foram dados de contratos de alienação de terra pública, dado pelo governo ditatorial a grandes fazendeiros nessa região, que usaram pra especulação o tempo todo. Então Anapu é exatamente a configuração da Amazônia que a gente tem hoje. Ou seja, a disputa entre floresta e gado passa pela estrutura fundiária que está ali, e que a gente nunca mexeu nisso.

**Giovana Girardi:** Pro Tarcísio, entender o caso Dorothy é entender o conflito que ainda tá muito vivo em Anapu. E entender Anapu é entender a Amazônia como um todo. O Claudio perguntou por que que ele achava que o plano do PDS não deu certo.

**Tarcísio Feitosa:** Eu olho sempre o lado contrário. Vamos plantar soja na Amazônia? Bora. Eu vou no banco, o gerente do banco me pergunta assim: quantos hectares tu quer plantar? Que eu vou ter isenção de impostos no meu maquinário. Aí o cara vai transportar essa soja pra outro lugar, ele não tem nem fiscalização, sabia disso? O cara passa com a soja pra qualquer lugar. Faz isso com o manejo florestal. Não existe política. Aquilo tudo que tem pra soja que a gente não vê, não tem pro manejo florestal, não tem pros PDS.

**Giovana Girardi:** Ou seja: não adianta a gente fazer uma unidade de conservação se todos os incentivos são no sentido contrário. Teria que ter incentivo pra valorizar a floresta em pé, assim como tem pra soja, pro gado, enfim. Não adianta só criar estruturas como o PDS, prevendo um uso sustentável da floresta, e deixar as pessoas sem assistência técnica, sem mercado pros produtos. E, acima de tudo, sem proteção contra invasores.

Depois tem uma questão narrativa. A narrativa que o agronegócio tá tentando vender sobre essa questão até hoje. O Tarcísio analisou imagens de satélite que mostram como a cobertura da vegetação foi mudando em todo o Brasil ano a ano, desde 1985.

Ele olhou como foi essa evolução em Anapu, especificamente em algumas dessas terras em disputa que tinham sido originalmente leiloadas em 72, como as que são usadas hoje pela família Fernandes. E os satélites mostram claramente que essas propriedades só começaram a ser usadas a partir de 2001. De 85 até 2001 praticamente não teve uso – ou seja, eram terras improdutivas.

**Tarcísio Feitosa:** E a gente destruir a fake news de Anapu, que tá instalada lá, de que o Délio Fernandes é produtor, que o Silvério é produtor, que aqueles gaúchos são produtores. Isso é mentira, mentira, o que esses caras são, eles são bons de pegar dinheiro em banco. Só isso.

**Giovana Girardi:** O que o Tarcísio chamou de a fake news de Anapu não deixa de ser uma fake news da Amazônia como um todo: a ideia de que antes da Transamazônica não tinha nada, de que o uso predatório daquelas terras seria o motor do país. Mas o problema maior, o problema mais fundo, que o Tarcísio mencionou que vem lá da ditadura, não poderia ser outro: é a regularização da terra. Reconhecer quem tem direito à terra e tirar de lá quem não tem. Uma briga que nenhum governante até hoje teve coragem de comprar pra valer.

Por um lado, Anapu é o retrato dessa batalha que a gente vive perdendo. Por outro lado, se a gente consegue desfazer o nó de Anapu, pode ser um outro balão de ensaio, no sentido contrário. E isso não é simples. Não é uma bala de prata, de jeito nenhum. Mas Anapu escancara tudo que precisa ser feito.

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Giovana Girardi, colaboradora da Rádio Novelo. A Giovana viajou pra Amazônia como parte da apuração pro podcast Tempo Quente, original da Rádio Novelo, que foi produzido com o apoio do Instituto Clima e Sociedade e da Samambaia Filantropias.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta. Se você ainda não segue a gente no seu tocador de podcast, não esquece de fazer isso, pra poder ouvir cada episódio logo que ele sai – e não levar spoiler nas redes sociais. Assina também a nossa newsletter – que além de te lembrar de ouvir o programa, tem sempre alguma dica aqui da nossa equipe.

E se você gosta do Rádio Novelo Apresenta, sai comentando dele por aí, na internet e fora dela. Isso ajuda demais o programa a crescer.

Fica aqui também o convite pra ir toda semana lá no nosso site, [radionovelo.com.br](http://radionovelo.com.br), onde tem sempre material extra e referências de cada episódio. Essa semana, tem prints das "notas de posicionamento" feitas pelo ChatGPT e fotos da viagem que a jornalista Giovana Girardi fez pra Anapu. Se você tiver pensado em alguma história pra gente contar no Rádio Novelo Apresenta, é só escrever pro [apresenta@radionovelo.com.br](mailto:apresenta@radionovelo.com.br).

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Toda quinta-feira tem episódio novo. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães. As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Gabriela Varella, a Júlia Matos e a Natália Silva. A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos e pelo Gilberto Porcidonio. A Mariana Leão colaborou na montagem. A Paula Scarpin fez o desenho de som. Nesse episódio a gente usou música original da Stela Nesrine, Amon Medrado, e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. O

desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro. O Gilberto Porcidonio é responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais, e o design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.